

Comentários ao Livro XII da *Metafísica* de Aristóteles

LUCAS ANGIONI

Departamento de Filosofia
Universidade Estadual de Campinas
CAMPINAS, SP

angioni@unicamp.br

Pequena nota introdutória

O livro XII (*Lambda*) da *Metafísica* de Aristóteles pode ser tomado como uma espécie de “compêndio” da filosofia primeira de Aristóteles: ele apresenta de maneira resumida boa parte das teses centrais de Aristóteles a respeito dos primeiros princípios e das primeiras causas e contém as únicas passagens nas quais Aristóteles dedicou-se de maneira não-alusiva à teologia. Do capítulo 1 ao 5, Aristóteles expõe, em argumentos cuja concisão freqüentemente resvala para a obscuridade, teses centrais a respeito dos tipos de substância, dos princípios e elementos envolvidos no vir a ser, das diversas noções de causa, das maneiras pelas quais podemos relacionar causas e princípios a seus efeitos, etc. Muito do que Aristóteles propõe nesses capítulos seria talvez ininteligível, se não dispuséssemos de textos como *Física* I-II e *Metafísica* VII (sobretudo os capítulos 7-9) como pontos de referência comparativa. Já nos capítulos que se seguem, do quinto ao décimo, Aristóteles desenvolve sua *teologia*: teses a respeito da existência de uma substância eterna, imaterial e não-suscetível de movimento, a qual se apresenta como causa final do movimento do primeiro corpo celeste. Aristóteles propõe também, no problemático capítulo 8, certas teses a respeito do número dessas substâncias, e, tendo delimitado que sua essência consiste na pura atividade de pensar seu próprio pensar, tenta resolver certos impasses suscitados por essa caracterização. Finalmente, no capítulo 10, ele propõe argumentos e teses a respeito da relação que esse princípio supremo mantém com o mundo, que, em última instância, dele depende.

Mas talvez não seja correto caracterizar o livro XII como um “compêndio”. Não sabemos ao certo como explicar o caráter conciso de seus argumentos e o caráter às vezes absolutamente insatisfatório de sua expressão. A concisão e a obscuridade poderiam ser decorrentes da falta de cuidado típica de um *resumo* destinado tão somente a recapitular, de modo breve, argumentos expostos com mais detalhe em outras obras. No entanto, elas poderiam igualmente decorrer do caráter ainda incipiente das reflexões de Aristóteles. Se esta última alternativa for a correta, o livro XII seria, em vez de um compêndio no sentido estrito, uma espécie de bosquejo da filosofia primeira de Aristóteles.

Inclino-me mais para esta segunda alternativa. O caráter alusivo dos argumentos, assim como certas imprecisões conceituais, certas dificuldades envolvidas nos exemplos, entre outras coisas, parecem decorrer do estado incipiente e embrionário das teses de Aristóteles. Se comparamos, por exemplo, o segundo capítulo do livro XII da *Metafísica* com o livro I da *Física*, a precariedade das distinções e argumentos propostos naquele primeiro não parece resultar de uma suma apressada e descuidada. O mesmo ocorrerá se comparamos os capítulos seguintes com passagens paralelas de outras obras ou da própria *Metafísica*. Nessa perspectiva, podemos imaginar que o livro XII da *Metafísica*, em suas passagens mais difíceis e alusivas, teria sido concebido por Aristóteles como uma lista programática de teses e argumentos que ele ainda teria de desenvolver ou aprimorar, para alcançar sua maturidade filosófica. É também tentador imaginar que algumas das teses programáticas aventadas no livro XII teriam sido abandonadas em momentos posteriores do desenvolvimento intelectual de Aristóteles, por exemplo, a tese, formulada no problemático capítulo 8, sobre as 55 substâncias supra-sensíveis, concebidas como motores imóveis das locomoções celestes, bem como vários outros aspectos da teologia lá esboçada. Recentemente, famoso *scholar* formulou, ainda que em ambiente restrito e de modo jocoso, hipótese que todos nós adoraríamos certificar como verdadeira, ao menos parcialmente, a saber, a de que o livro *Lambda* (ou algumas de suas partes, ao menos) deveria ser considerado como não-autêntico. No entanto, essa hipótese ainda não passa de piada de *scholar* sobre nossa própria miséria e desesperança de chegar a conclusões mais satisfatórias na exegese do livro

XII. De fato, não sabemos o que é, exatamente, o livro XII da *Metafísica*, e, embora eu me incline mais para aquela segunda alternativa, devemos reconhecer que não há evidências objetivas que permitam decidir qual das duas alternativas é a correta: se o livro XII é um compêndio, ou um esboço.

De todo modo, sendo o livro XII seara ainda pouco explorada na *Metafísica* de Aristóteles, devemos ressaltar que muito progresso foi feito, recentemente, no Xº. *Symposium Aristotelicum*, ocorrido em 1996, em Oxford, cujas contribuições foram publicadas em 2000, por Michael Frede e David Charles. Os comentários que aqui propus devem muito a esse volume.

Com nossa tradução, seguida dos comentários, esperamos estimular estudos nesse terreno espinhoso. Muitos dos resultados aqui apresentados não nos deixaram satisfeitos, não apenas na tradução propriamente dita, mas também na análise dos argumentos e na compreensão das redes conceituais que Aristóteles propõe. Vários aspectos da argumentação aristotélica ainda se nos afiguram obscuros. Em várias constelações conceituais, ainda reina muita confusão. No entanto, esperamos contribuir, ainda que indiretamente, para que a pesquisa dos assuntos envolvidos no livro XII alcance resultados mais bem fundamentados e satisfatórios.

Para delimitar o texto grego a ser traduzido, utilizei as edições de Bekker, Ross, Jaeger e Christ (para referências detalhadas, ver Bibliografia no final destes comentários). No mais das vezes, assumi o texto estabelecido por Ross, e os poucos casos em que adotei outras lições encontram-se indicados e justificados nestas notas, nas quais também discuti e analisei problemas filológicos de estabelecimento do texto, mesmo quando assumi a lição estabelecida por Ross.

Notas ao Livro XII da *Metafísica* de Aristóteles

Capítulo 1

1069a 18: “este estudo é sobre a essência”: o termo “*ousia*” é utilizado por Aristóteles basicamente em duas acepções principais: (i) “*ousia*” designa uma entidade dotada de certa auto-subsistência pela qual existe continuamente e apresenta-se de maneira “separada” (como se diz em frases como “Sócrates é uma *ousia*”, “este cavalo é uma

ousia”, “as plantas em geral são *ousiai*”); (ii) “*ousia*” designa o princípio ou a causa pela qual uma entidade do primeiro tipo é precisamente aquilo que ela é em si mesma; neste caso, o termo pede um complemento: trata-se, assim, da “*ousia de alguma coisa*”, tal como ocorre em frases como “a *ousia* do trovão”, “a *ousia* dos animais”, “a *ousia* da alma”, etc. É plenamente aceitável a proposta de traduzir “*ousia*” no primeiro sentido por “substância” e “*ousia*” no segundo sentido por “essência (de algo)”. No entanto, isso não resolve nossos problemas, pois (i) a distinção entre esses dois sentidos de “*ousia*” parece ser recurso argumentativo contra o platonismo, que acreditava que mereceria o título de “substância” no mais alto grau aquilo que fosse princípio e “essência” das outras coisas; (ii) apesar de haver uma distinção, há também forte vínculo entre os dois sentidos, e esse vínculo parece relevante para traçar a fronteira entre o domínio das entidades sublunares (sensíveis e corruptíveis) e o domínio das entidades separadas, necessárias e eternas; (iii) em alguns contextos, a mesma palavra parece designar uma terceira noção: a noção de “realidade” como domínio de entidades substanciais cuja subsistência e inteligibilidade seria garantida por suas respectivas essências (por exemplo, 1075b 38- 1076a 1). Traduzir “*ousia*” por “essência” ainda se me afigurou como mal menor. Julgo péssimo argumento alegar a “força da tradição” ou “o gosto da maioria” (como fez Yebra, [1982], p. XXXVII) como motivo suficiente para manter a tradução consagrada de “*ousia*” por “substância”. No entanto, considero a hipótese de, futuramente, adotar o recurso da tradução circunstanciada: “substância” para o primeiro sentido, “essência” para o segundo. Ainda não o fiz porque ainda não me decidi sobre o que fazer nos contextos em que a decisão entre o primeiro ou o segundo sentido é problemática, justamente em argumentos contra o platonismo.

1069a 24: “é não-branco”: “não-branco” pode ser tomado como “nome indefinido” (*Da Interpretação*, 16a 32), que corresponde a uma *privação* e que, por isso, refere-se a algo subjacente que, embora tenha certas características, isto é, *seja algo* positivamente, é descrito como algo *que não é*, isto é, como não-branco. Ver discussão detalhada em *Física* I 5, 188a 30- b 8. Ver também *Metafísica* XIV 2, 1089a 16-19.

1069a 24: “separado”: este termo traduz “*choriston*”, de acordo com costume já sedimentado na tradição. Ross propõe a expressão “can exist apart”. De fato “*choriston*” quer dizer, em última instância, *completo em si mesmo*. No entanto, “completo” seria tradução inadequada para os numerosos contextos em que “*choriston*” é construído com complemento no genitivo, nos quais traduzimos por “separado de tal ou tal coisa”.

1069a 28: “porque procuram estes últimos através do discurso”: a expressão “através do discurso” traduz o advérbio “*logikós*”, sobre o qual pairam várias incompreensões, algumas admitidas já por longa tradição. É precipitado associar imediatamente “*logikós*” ao método dialético, como se “*logikós*” fosse equivalente a “*dialektikós*”. Mesmo nos contextos em que tal relação é pertinente, é preciso ainda discernir se se trata de dialética no sentido aristotélico ou no sentido platônico. Em várias ocorrências, como em *Metafísica* 1029a 13 e *Segundos Analíticos* 82b 35, 84a 7, 84b 2, “*logikós*” parece assinalar uma perspectiva que Aristóteles considera como inteiramente legítima e apropriada aos interesses argumentativos em pauta.

O sentido de “*logikós*” no texto que estamos comentando deve ser apreciado por comparação com *Metafísica* 1084b 25, 987b 31-32 e talvez seja pertinente associá-lo a “*dialektikós*” no sentido platônico de dialética. Trata-se de uma perspectiva de análise que assume princípios muito gerais, cuja generalidade é, aos olhos de Aristóteles, inadequada ao assunto em questão. Ver, também, *Geração dos Animais* 748a 7-8, *Ethica Eudemia*, 1217b 21.

1069a 32: leio o texto grego aceitando a excisão de “*hê de aidios*” (“outra [essência], eterna”) proposta por Ross. Para justificativa detalhada, ver Ross [1924], vol. II, p. 350, e Frede [2000b], p. 78-80.

1069a 36: “ciência da natureza”: o termo grego é “*physikê*”, o qual dificilmente, no texto de Aristóteles, designa a obra hoje conhecida como *Física*, a qual, longe de ser uma obra de ciência da natureza no sentido aqui pretendido, apresenta algo como uma *filosofia da natureza* ou uma *filosofia das ciências naturais*.

1069b 6: “existe algo”: a expressão utilizada por Aristóteles, “*hypeinai ti*”, merece comentário. O verbo “*hypeinai*” é formado por “*einai*” (ser, existir) e pelo prefixo “*hyp-*”, correspondente ao latim “*sub*”. Traduzir a expressão por “existe algo *como subjacente*” captaria bem o sentido geral do texto, embora soasse antes como paráfrase.

Capítulo 2

1069b 18-19: “é possível que algo venha a ser a partir do não-ente por concomitância”: cf. *Física* I 8, 191b 14-15 ss.

1069b 32: “que a matéria era em potência”: Schwegler propõe que se leia “*bo*”, em vez de “*hou*”, e o leitor desta tradução poderia supor que adotei sua correção. No entanto, a lição “*hou*” é perfeitamente clara: (i) o genitivo “*hou*” é regime de “*hylé*” (matéria), e sabemos que “*hylé*” é um termo correlativo cujo uso correto exige tal complemento (se *x* é matéria, é porque *x* é matéria *de algo*, pois, caso contrário, não poderia ser denominado “matéria”); (ii) a expressão “*bé hylé*” reporta-se à coisa que recebe o título de matéria, na medida em que o recebe. Uma tradução mais próxima à estrutura do texto grego seria a seguinte: “surgiria efetivamente tal e tal coisa, da qual *aquilo que é matéria (bé hylé)* era matéria, em potência”, ou, sem mais, “surgiria efetivamente tal e tal coisa, da qual esta outra era matéria, em potência”. Adotei tradução mais concisa e simplificada, por julgar que, neste caso, a simplificação não trai o texto original e não acarreta nenhum prejuízo para a compreensão do argumento de Aristóteles.

1069b 32-34: “são três as causas e três os princípios”: cf. *Física* I 7, 190b 35- 191a 4; 191a 13-17. Para análise excelente deste capítulo e de suas relações com *Física* I, ver Charles [2000].

1069b 34: “determinação”: o termo grego em questão é “*logos*”. Para usos semelhantes do termo, ver *Física* I 7, 191a 13.

Capítulo 3

1069b 35: “nem a matéria nem a forma são suscetíveis de vir a ser”: cf. *Metafísica* VII 8, 1033a 28-32, 1033b 5-10, 16-17, 1034b 8, 1039b 23-27, 1043b 16-18. A rigor, Aristóteles parece estar mais preocupado em provar que a forma não é suscetível de vir a ser. Mas, em *Metafísica* 1033a 28-29 e 1034b 11-12, o argumento parece ser estendido também à matéria. Para discussão detalhada das diferenças e pontos em comum entre este capítulo e *Metafísica* VII 7-9, ver Judson [2000].

1069b 36: “as que são últimas”: o termo “*eschata*”, traduzido por “últimas”, pode querer dizer duas coisas diametralmente opostas. Consideremos uma estátua de bronze. Em relação à estátua, o bronze é a matéria “mais próxima” (*eggutaté*), conforme o que se diz em *Metafísica* 1044b 1. O próprio bronze pode ser analisado em seus constituintes imediatos, cobre, estanho e zinco, os quais, por sua vez, podem ser analisados em constituintes ainda mais primitivos, até que se chegue nos quatro elementos, os quais são o ponto extremo desse processo de análise. Ora, de acordo com o que se diz em 1044b 1, o bronze seria a matéria “mais próxima” da estátua, o que nos levaria a crer que os elementos seriam a matéria “última” da estátua (e não apenas da estátua, mas “matéria última” em geral). No entanto, em *Metafísica* 1035b 30, a matéria “última” é justamente aquilo pelo que um indivíduo distingue-se de sua forma específica – aquilo que pelo Cálías é distinto de homem em geral. Ainda que não possamos dizer que essa noção de matéria última seja idêntica à de matéria próxima, podemos assegurar que ambas as noções são similares.

No trecho que é objeto desta nota, qual seria o sentido de “últimas”? As linhas 1070a 2-4 (compare-se com 1033a ss.) esclarecem que Aristóteles refere-se ao bronze, não aos elementos, entre as coisas que poderiam ser legitimamente denominadas “matéria de uma estátua”. Ele empenha-se em mostrar que um processo de vir a ser (*genesis*) pressupõe como já dados dois itens (a matéria e a forma) que não vêm a ser neste mesmo processo. Este argumento de Aristóteles não tem nenhuma conexão imediata com uma suposta prova da ingenerabilidade em geral da matéria, que se presume encontrar em *Física* I 9, 192a 25-34.

1070a 4-5: “cada essência vem a ser a partir de algo sinônimo”: cf. *Metafísica* VII 9, 1034a 21-23, 1034b 1. Para as distinções propostas em 1070a 4-9, ver *Metafísica* VII 7-9.

1070a 9-13: “são três as essências”: essa “tripartição” dos tipos de essência (*ousia*) não é a mesma que se encontra em 1069a 30. Em 1069a 30 ss., trata-se de classificar três ordens de *realidade*, ou três tipos de entidades que corresponderiam, por assim dizer, a “reinos” distintos da realidade: a realidade das coisas sensíveis e perecíveis, a realidade das coisas sensíveis mas eternas, e a realidade eterna supra-sensível. Em 1070a 9-13, no entanto, o escopo da classificação já está restrito ao domínio do sensível e trata-se de saber quais são as entidades que, nesse domínio, podem ser designadas como “*ousia*” no sentido de entidades auto-subsistentes. A resposta contempla três noções: a forma, a matéria e o composto de ambas. Compare-se com *Metafísica* 1042a 26-31, 1043a 27-28, 1035a 1-2, 1029a 2-5.

1070a 10: “que é *um certo isto* por assim aparecer”: a expressão de Aristóteles é estranha. Em dois textos, *De Anima* 412a 7-8 e *Metafísica* 1042a 27-28, Aristóteles afirma que a matéria não é *um certo isto*, e a aparente concessão feita no trecho que comentamos é de difícil compreensão. Para discussão do texto, ver Ross [1924], vol. II, p. 356. A melhor interpretação é a fornecida pelo mesmo Ross, tanto em seu comentário como em sua tradução: “the matter, which is a ‘this’ *in appearance*”. Aristóteles quer dizer que – sendo a estátua um exemplo de *um certo isto, tode ti*, e sendo o bronze a matéria da estátua – o bronze *aparece* como se fosse exatamente o *certo isto* que é a estátua, mas não é, realmente, *isto*, que é a estátua. Do mesmo modo interpreta Judson [2000], p. 129. A Revised Oxford Translation a meu ver piora as coisas, ao substituir a tradução de Ross pela seguinte: “the matter, which is a ‘this’ by being perceived”. Se ser percebido fosse razão para algo ser considerado *ousia*, então as cores seriam *ousia*!

1070a 13-14: “aquilo que é *um certo isto* não existe à parte da essência composta, por exemplo, a forma de uma casa”: cf. *Metafísica* VII 8, 1033b 19-24 ss.; VIII 3, 1043b 18-21.

1070a 19-20: “por exemplo, fogo, carne, cabeça etc.”: Ross [1924], vol. II, p. 357, certamente está correto ao sugerir que estas linhas foram provavelmente deslocadas de seu contexto original. Elas ilustram, antes, as concepções introduzidas nas linhas 10-11 (“são três as essências: a matéria, etc.”).

1070a 22: “as que são causas como a definição”: o termo para “definição” é “*logos*”. Para usos similares do termo, ver *Metafísica* 1035b 26, 1039b 20, 1042a 28, 1043a 13. Aqui, a tradução original de Ross (“causes in the sense of definitions”) parece-me melhor que a versão da Revised Oxford Translation (“causes in the sense of formulae”).

1070a 25-26: “não toda alma, mas a inteligência”: cf. *De Anima* 408b 18-19, *As Partes dos Animais* 641a 32- b 10.

1070a 26-30: “é evidente que [...] não é preciso haver Idéias”: cf. *Metafísica* VII 8, 1033b 26-1034a 5.

1070a 29-30: “a técnica medicinal é a definição da saúde”: cf. *Metafísica* VII 7, 1032b 5-6, 13-14, *As Partes dos Animais* 640a 31-32.

Capítulo 4

1070b 1-2: “das demais categorias”: o termo grego é o particípio “*katégoroumena*”, o qual freqüentemente designa a noção de *categoria*. A tradução original de Ross (“categories”) é melhor que a versão da Revised Oxford Translation (“things which are predicated”). Assim como Aristóteles usa vários termos similares para designar a noção de categoria (por exemplo, *katégoroumena* em *Metafísica* 1017a 25, 1028a 13, “*katégorêma*” em 1028a 33), do mesmo modo, o termo grego “*katégoria*” é utilizado de vários modos para designar noções distintas da noção de categoria (*Física* 192b 17, *Metafísica* 1004a 29, 1007a 35, 1028a 28). Ver Angioni [2006], p. 41, n. 1 e 2.

1070b 16-21: “os elementos e os princípios são os mesmos etc.”: cf. *Metafísica* X 1052b 9-27, 1053b 25- 1054a 13.

1070b 29-30: “e ‘princípio’ divide-se nesses tipos”: esta mesma frase ocorre em 1070b 24 e agora se repete, exceto no manuscrito conhecido pela sigla **Ab**. Seguimos Ross, que a pôs entre colchetes, atribuindo sua repetição a erro de copista.

1070b 30-31: “aquilo que propicia movimento em relação a um ser humano é um ser humano”: a expressão de Aristóteles é inusual e difícil de traduzir, embora a idéia seja clara: “*antbrôpôî*” (dativo) é aquilo em relação a que o *motor* (*keinoun*, aquilo que propicia movimento) exerce sua causalidade motriz. Pelo contexto, é claro que Aristóteles tem em mente a reprodução animal, tipificada pelo lema “um ser humano gera um ser humano”.

1070b 33-34: “a arte medicinal é, de certo modo, a saúde, a arte de construir é, de certo modo, a forma da casa”: cf. *supra* nota a 1070a 29-30; cf. *Metafísica* VII 7, 1032b 5-6, 13-14, *As Partes dos Animais* 640a 31-32.

Capítulo 5

1071a 1: “as causas de todas as coisas são as mesmas”: lendo o texto de acordo com a correção de Christ (“*tautâ*”), aceita por Ross e Jaeger. O texto unânime dos códices contém “*taútâ*”, que também é uma boa leitura: tal pronome, neste caso, retomaria “*ousiai*”: “as causas de todas as coisas são essas [sc.as essências]”, e “*dia touto*” (“por isso”) seria mera antecipação de “*hoti*” (“porque”). Para discussão e avaliação da viabilidade de ambas as leituras, ve Code [2000], p, 164-5.

1071a 7-8: “tais princípios incidem nas causas mencionadas”: a tradução de Ross para a expressão “*piptei eis ta eirêmena aitia*” talvez seja um pouco desnorteadora: “*fall under the above-named causes*”. A expressão “cair sob” (e correlatos em outras línguas modernas) sugere que a efetividade e a potência seriam meros *casos* das outras causas, já mencionadas (forma, matéria, privação), ou, no máximo, sub-divisões específicas

de tipos mais genéricos de causas. Em *Física* II 3, 195a 15, Aristóteles emprega expressão muito similar: “*eis tettaras piptei tropous*”. No entanto, no contexto desse capítulo da *Física*, trata-se de classificar sob os (quatro) tipos de causa *coisas particulares* aptas a receber a denominação de causa, por exemplo, o bronze de uma estátua, o exercitar-se em relação à saúde, a proporção numérica em relação à consonância, o pai em relação ao filho. etc. Faz sentido, nesse contexto, dizer que o bronze “cai sob a causa material”. Já com relação às noções de efetividade e potência, dizer que a efetividade “cai sob a causa formal” e a potência “cai sob a causa material” reduziria a especificidade dessas noções e minimizaria a importância capital que têm na filosofia aristotélica. Efetividade e potência são princípios que, embora associados às quatro causas, são distintos delas. Isso é tão verdadeiro que Aristóteles reconhece, em *Física* II 3, 195b 3-6, 16, que é pertinente aplicar as expressões “efetivamente” e “em potência” a qualquer causa, sob qualquer um dos quatro tipos: podemos dizer que a terra é em potência matéria de uma cama, porque ela é em potência madeira, a qual, estritamente, é matéria de uma cama (cf. *Metafísica* IX 7). Por outro lado, em *Física* II 4, 196b 8-9, Aristóteles usa expressão similar, “*eis ta diôrismena aitia empiptousin*”, para se referir ao modo pelo qual deverão ser concebidos (ou classificados) como causas as noções de acaso (*tyché*) e espontâneo (*automaton*). Neste contexto, tampouco faria sentido dizer que o acaso “cai sob a causa eficiente” ou qualquer afirmação similar, dado que a compreensão exata do acaso não envolve sua redução completa à noção de causa eficiente, mas requer necessariamente cômputo articulado de todas as causas (mesmo da que está ausente, a final, cuja ausência é absolutamente relevante). O trecho que presentemente comentamos está mais próximo de *Física* 196b 8-9 do que de *Física* 195a 15. Não se trata de dizer que efetividade e potência “caem sob as causas formal e material”, mas, antes, trata-se de dizer que elas têm alguma articulação com as causas mencionadas. Daí a tradução por “incidem nas causas”.

De todo modo, os exemplos dados no trecho entre parênteses (1071a 7-11) explicam satisfatoriamente de que modo efetividade e potência são apenas analogicamente os mesmos para todas as coisas. Ver Code [2000], p. 169. No entanto, essa mesma tese não é satisfatoriamente explicada pelas afirmações de Aristóteles nas linhas 1071a 6-7.

1071a 11-17: “de outro modo, são diferentes ‘efetivamente’ e ‘em potência’ os princípios etc.”: a interpretação deste texto é extremamente difícil. Por falta de opção melhor, segui provisoriamente as linhas gerais da interpretação proposta por Ross: o advérbio “*allós*” (“de outro modo”) remete a outro modo pelo qual as noções de efetividade e potência são aplicadas a título de princípios. Supondo-se que as linhas 1071a 6-11 remetem ao modo pelo qual usamos os esquemas sentenciais “*x* é em potência *y*” e “*x* é efetivamente *y*”, as linhas 11-17 remeteriam ao modo pelo qual *causas eficientes externas* seriam ou causas meramente capazes, ou causas efetivamente atuantes. Assim, “*allós*” em 1071a 6 (“diversamente”) já seria uma antecipação desse segundo modo de entender as noções de efetividade e potência.

Code [2000], p. 172, interpreta diversamente: o outro modo de entender “efetivamente” e “em potência” seria um modo diverso de *relacioná-los às causas mencionadas*: o genitor, como causa eficiente de um ser humano, é efetivamente um ser humano, ao passo que a matéria do ser humano que está para vir a ser é apenas potencialmente um ser humano.

Outra alternativa de interpretação é aceitar a emenda proposta por Trendelenburg em 1071a 11 (“*allós d’ é*”). O sentido daí resultante seria razoável: “de um modo diverso daquele em que se diz ‘efetivamente’ e ‘em potência’, seriam diferentes os princípios das coisas cuja matéria não é a mesma etc.”. O problema é que a intervenção de Trendelenburg não tem amparo em nenhum manuscrito ou autoridade.

De todo modo, o texto é extremamente difícil e seu significado, insatisfatório. Em primeiro lugar, não é claro de que modo a sentença “em alguns casos, uma mesma coisa é, em certo momento, efetivamente, e, em outro momento, em potência” explicaria ou justificaria a asserção geral de que “também tais princípios são diversos em domínios respectivamente diversos”. Esta última sentença deve ser entendida do seguinte modo: para um serrote, por exemplo, sua efetividade é a função de serrar, mas, para um machado, é outra coisa, a saber, a função de cortar lenha. De modo similar, aquilo que é em potência um serrote é, talvez, o bronze ou o ferro, mas aquilo que é em potência uma cama é a madeira. E assim por diante. No entanto, supostamente para ilustrar essa diversidade na especificação dos respectivos princípios de cada coisa, Aristóteles afirma que uma mesma coisa pode, em tempos

distintos, ter o mesmo atributo efetivamente ou em potência (supondo que “*to auto energeiái... dunamei*” remeta ao esquema sentencial “*x* é efetivamente/ em potência”). Por exemplo: um corpo, em dado instante, é efetivamente quente, mas, depois, ao se resfriar, é quente apenas em potência. Talvez a expressão “*to auto energeiái... dunamei*” queira dizer que uma mesma coisa às vezes está dada em potência, às vezes, efetivamente. Por exemplo, uma casa: neste caso, o esquema sentencial “há uma casa efetivamente” remeteria a uma casa, mas o esquema sentencial “há uma casa em potência”, não poderia remeter a uma casa, mas deveria remeter a tijolos, pedras, etc. Ver, nesse sentido, Code [2000], p. 167-73. Seja qual for a interpretação mais adequada de 1071a 6-7, não é claro de que modo isso poderia ser entendido como ilustração da tese geral de que, em contextos ou domínios diversos, é respectivamente diversa a especificação da coisa que recebe o título de “efetividade” (ou de “potência”) e que, portanto, é reconhecida como princípio, de modo que os princípios de todas as coisas seriam apenas analogicamente os mesmos.

1071a 24: “ainda que sejam as mesmas as causas das essências”: o texto de Aristóteles é difícil: (i) o predicado não foi formulado explicitamente: temos apenas “*ei dê ta tôn ousiôn*” (“se as [causas] das essências”); (ii) a própria sintaxe é incerta, pois “*ei dê*” é emenda proposta por Rolfes (aceita por Ross) e as lições dos códices parecem não fazer sentido. Quanto ao predicado implícito, Ross interpreta de outro modo: “if the causes of substances are the causes of everything”, o que ele julga ter sido estabelecido nas frases iniciais do capítulo (1070b 36- 1071a 1). Jaeger propõe texto inteiramente diverso: lê “*édê*” em vez de “*eidê*” ou “*ei dê*”, e considera como parentética a frase “*alla de allôn*”, resultando no seguinte: “as causas e elementos das essências (embora sejam respectivamente diversos para coisas diversas) são, de fato (*édê*), como foi dito, causas e elementos de coisas que não estão em um mesmo gênero (das cores, dos sons, das essências, da qualidade), embora por analogia”. Para discussão das lições e interpretações que delas decorrem, ver Code [2000], p. 176-7. Uma objeção a essa leitura consiste no fato de que a sentença seguinte (“*kai tôn en tautôi genei heterá*”) parece supor que a sentença que a antecede também afirmava que os princípios e as causas eram distintos (*alla* em 1071a 24).

1071a 28: “tua matéria, tua forma, aquilo que te propiciou movimento e, de outro lado, minha matéria”: este texto é a maior evidência direta em favor da tese de que Aristóteles teria reconhecido formas individuais (ainda que sem lhes atribuir definibilidade científica). Ver, nesse sentido, Frede [2000a], p. 24. O adjetivo possessivo “tua” ocorre no texto apenas com “*hylé*” (matéria), e, por isso, poder-se-ia protestar contra as traduções que assumem adjetivo similar para os dois outros tipos de causa que se seguem (a forma e o motor). No entanto, o grego “*son eidos*” não é a única maneira de dizer “tua forma”: o mero pronome definido “*to*” freqüentemente tem valor de adjetivo possessivo ou demonstrativo. Neste contexto, “*to eidos*” quer dizer “tua forma”. Code [2000], p. 178-9, afirma que o argumento de Aristóteles exige que apenas uma das três causas (material, formal ou eficiente) seja diversa para indivíduos distintos. Assim, se apenas a matéria for diversa, isso já será suficiente para afirmar que “as causas” (no sentido da tríade material/ formal/ eficiente) são diversas, sem exigir que as formas também o sejam. Em si mesmo, o argumento de Code é convincente, mas, como interpretação do texto, não se impõe. Discuti o assunto em Angioni [2000], p. 495-521.

1071a 29-32: “procurar saber se são os mesmos ou se são distintos os princípios [...] das essências, dos relativos e das qualidades é, evidentemente, possível, a respeito de cada um”: o texto é de difícil compreensão, sobretudo nas linhas 31-32. O mais difícil consiste em saber, na linha 32, (i) o sentido de “*estin*” e (ii) a que se refere “*hekastou*”. Tomei (i) “*estin*” no sentido de “é possível”, ligado ao infinitivo “*zetein*” que inicia o parágrafo, (ii) “*hekastou*” como sujeito do genitivo absoluto “*legomenon*” (com o qual concordaria de modo irregular), referindo-se a “princípio” e “elemento”. Assim, entendemos que (ii) impõe a condição para (i): uma pergunta do tipo “os princípios das essências e dos relativos são os mesmos, ou são distintos?” só pode ser respondida com pertinência se for especificado o sentido de “princípios”, de modo que a pergunta deveria ser entendida do seguinte modo: “são os mesmos, ou distintos, os princípios *materiais* (ou os princípios a título de motor, ou a título de forma, etc.) das essências e dos relativos?”. Ross entende de outro modo: supõe que “*estin*” subentende a construção “*tauta ta stoicheia*” (“os elementos são os mesmos”) e que

“*hekaston*” seria o complemento de “*stoicheia*”. O sentido que daí deriva não me convence como interpretação do texto, e Ross ainda precisa supor que “*pollachôs*” tem aqui o sentido de “confusamente” (“*amudrôs*”), o que me parece pouco plausível. Contra Ross, ver também Crubellier [2000], p. 137, n. 2. O próprio Crubellier toma “*estîn hekaston*” de outro modo: “there are principles and causes for each kind” (p. 137). Mas ele precisa supor, sem amparo no texto grego, que a frase inicial do trecho é uma condicional (“*if we inquire*”).

1071a 36: “aquilo que é efetivamente primeiro”: o texto de Aristóteles é absolutamente vago e alusivo. Poderíamos entender que “aquilo que é efetivamente primeiro” seria uma menção ao Primeiro Motor e, portanto, confirmaria a tese de que, de certo modo, os princípios de todas as coisas são o mesmo. Por outro lado, nada impede que “aquilo que é efetivamente primeiro” seja recapitulação da tese exposta em 1071a 5, da qual há algum vestígio em 1071a 18-19: para cada coisa, é diverso aquilo que é sua efetividade, e isso confirmaria a tese de que, de certo modo, são diversos os princípios de coisas respectivamente diversas.

Capítulo 6

1071b 3: “dado que eram três as essências”: cf. 1069a 30-36.

1071b 4-5: “necessariamente, ela é uma essência não-suscetível de movimento e eterna”: seria plausível traduzir de outro modo: “há ou existe, necessariamente, uma essência eterna não-suscetível de movimento” (como traduz Ross). No entanto, creio que “*einai*” é, neste contexto, cópula predicativa, cujo sujeito subentendido seria “*autên*” (“ela”, isto é, a essência não-suscetível de movimento). O argumento de Aristóteles parece-me enfatizar que, se há uma essência não-suscetível de movimento (como já foi estabelecido em 1069a 30-36), segue-se necessariamente que ela é *eterna*. Berti [2000], p. 187, entende de modo diverso: para ele, o que requer prova não é a existência de uma substância eterna, mas a existência de uma substância eterna não-suscetível de movimento (dado que há uma substância eterna que está eternamente

em movimento). No entanto, creio que a existência de uma substância não-suscetível de movimento é dada como premissa, não como algo a ser provado.

1071b 17: “pois, se não estiver em atividade, não haverá movimento”: o texto poderia ser bem traduzido também do seguinte modo: “pois, se puder não estar em atividade, poderá não haver movimento”.

1071b 34: “se é de tal modo ou de outro”: lendo o texto com a emenda de Diels, adotada por Ross. Berti [2000], p. 195, julga que as lições alternativas propostas pelos editores não muda o sentido básico do texto.

1072a 10-12: “é preciso que algo sempre permaneça do mesmo modo em atividade etc.”: isto é, é preciso que algo sempre permaneça eternamente *na mesma atividade*. Trata-se da esfera das estrelas fixas, como se infere por *Geração e Corrupção* 336a 23 ss. Por outro lado, aquilo que “sempre está em atividade de modos diversos” seria o sol. Ver Ross [1924], vol. II, p. 371-2, e Berti [2000], p. 198-9.

1072a 12 ss.: “tal coisa, de certo modo, está em atividade por si mesma, mas, de outro, devido a outra coisa”: para explicação detalhada do argumento, bem como para discussão das dificuldades envolvidas no estabelecimento do texto, ver Ross [1924], vol. II, p. 372. É o sol que, de certo modo, “está em atividade em si mesmo”, por seu movimento ao longo da eclíptica, mas tem outro movimento por ser carregado por outra coisa (a esfera das estrelas fixas, que é aquilo a que o texto se refere pelo adjetivo “primeiro”). Ver Berti [2000], p. 199.

Capítulo 7

1072b 2-3: “‘em vista de que’ é ‘para alguém’ ou ‘em vista de algo’”: tomo o texto estabelecido por Ross, o qual assume a correção proposta por Christ (*kai tinos*). Para os dois sentidos de “*em vista de algo*” (*hou beneka*), ver *De Anima* 415b 2 e *Física* 194a 35. Nenhum desses textos é perfeitamente claro a respeito da distinção que Aristóteles propõe. É plausível supor que a distinção envolve dois modos diversos de usar a

expressão “em vista de algo” (*hou heneka*): (i) o “algo” é simplesmente o beneficiário para quem resultará alguma vantagem da ação ou processo que se diz “em vista dele”; (ii) o “algo” é precisamente o *acabamento final* que preside e explica o processo que, por isso, se diz estritamente “em vista desse acabamento”. Cf. Laks [2000], p. 226-7. Veja-se tratamento bastante elucidativo em Kullmann [1985].

1072b 3: “dos quais um está presente, mas o outro não”: isto é, está presente no domínio das essências não-suscetíveis de movimento apenas o sentido (ii) delimitado no comentário anterior. Para o Primeiro Motor, não deriva nenhum benefício do fato de ser ele objeto amado. Mas ele é um acabamento (isto é, algo dotado de perfeição intrínseca e absoluta completude) que, na medida em que é objeto de *aspiração*, explica o processo pelo qual o primeiro movido é movido. Ver Kullmann [1985].

1072b 4: “mas, por meio de algo que é movido, move as demais coisas”: o estabelecimento do texto e a interpretação dessa passagem são tão difíceis quanto decisivos para a teologia de Aristóteles. Tomo o texto estabelecido por Jaeger, amparado por maior número de fontes (manuscritos EJ, uma versão do manuscrito Ab e a tradução latina de Moerbecke): “*kinoumenôî*” (dativo singular). Bekker lê “*kinoumenon*” (nominativo singular), amparado em Alexandre e outra versão de Ab. Ross propõe “*kinoumena*” (nominativo ou acusativo plural). Em qualquer uma dessas leituras, o texto ainda permite controvérsias a respeito de qual seria o sujeito e/ou qual seria o predicado de “*kinei*”.

1. Lição adotada por Jaeger:

1.a) “*tallâ*” como objeto de “*kinei*”: “mas, por meio de algo que é movido, move as demais coisas”;

1.b) “*tallâ*” como sujeito de “*kinei*”: “as demais coisas movem por meio de algo que é movido”.

2. Lição adotada por Bekker: “*kinoumenon*” como sujeito e “*tallâ*” como objeto de “*kinei*”:

2.a): “*kinoumenon*” subentende outra coisa, a saber, o primeiro corpo movido: “mas algo que é movido [*sc.* a primeira esfera] move as demais coisas”;

2.b) “*kinoumenon*” refere-se ao Primeiro Motor: “mas ele move as demais coisas na medida em que é movido”.

3. Emenda proposta por Ross:

3.a) “*kinoumena*” como sujeito e “*tallá*” como objeto de “*kinei*”: “mas as demais coisas propiciam movimento na medida em que são movidas”;

3.b) “*kinoumena*” como predicativo do objeto (“*tallá*”) de “*kinei*”, cujo sujeito subentendido seria o Primeiro Motor: “mas [*sc.* o Primeiro Motor] move as demais coisas que são movidas”.

Seguramente, a opção (2.b) deve ser descartada, pois o Primeiro Motor não é suscetível de movimento. Do ponto de vista do sentido, (1.b) é muito semelhante a (3.a), mas é pouco plausível, pois sugere que um motor móvel pressuporia, para promover movimento, uma terceira coisa, além dele próprio e da coisa movida, a saber, um instrumento já em movimento. Por outro lado, a opção (3.b) é absolutamente despropositada do ponto de vista argumentativo e não consigo entender por que a Revised Oxford Translation, supervisionada por Barnes, a adotou, de preferência à tradução original de Ross.

Restam, assim, três alternativas:

1.a) a causalidade do Primeiro Motor de certo modo transitaria para as demais coisas movidas, para além da primeira esfera celeste, na medida em que esta última, ao ser movida, transmitiria seu movimento às demais esferas e, supostamente, às demais coisas.

Objções: Ross [1924], vol. II, p. 377, observa que a construção sintática dificilmente seria admissível em grego. Mais importante que isso, contudo, é o fato de que essa interpretação requer algo que Aristóteles parece querer evitar, a saber, atribuir ao Primeiro Motor uma causalidade *eficiente*, além da causalidade *final*.

2.a) a coerência da doutrina seria mantida, pois se atribui à primeira esfera a causalidade eficiente pela qual, ao ser movida, ela move outras coisas.

Objções: supondo-se o particípio singular “*kinoumenon*”, é um alto custo supor que os sujeitos implícitos das duas ocorrências de “*kinei*” (linhas 3 e 4) são respectivamente distintos; a construção sintática, neste caso, sugere que são os mesmos, pois a atenção recai sobre a oposição “*bós erómenon*” e “*kinoumenon*”.

3.a) a construção “*kinoumena kinei*” é freqüente na *Física* e o sentido é perfeitamente claro e condizente.

Objecções: não há testemunho na tradição manuscrita.

Tomei o texto de Jaeger, mas considero com muita simpatia a emenda proposta por Ross. Para discussão das lições de Ross e Jaeger, ver Laks [2000], p. 221, n. 35.

1072b 10: “é esta que tal coisa promove”: o pronome “*touto*” (“tal coisa”) obviamente refere-se ao Primeiro Motor, mas é conveniente manter a maneira de expressão empregada por Aristóteles, sobretudo pela importância que esse detalhe tem para as “teologias negativas” da Antigüidade e da Idade Média.

1072b 11: “‘necessário’ se diz desse modo”: ver *Metafísica* V 5.

1072b 23: “é isto, mais que aquilo”: assumi o texto com a correção proposta por Ross. “Isto” remete à atividade do pensamento que retém o pensável (*energei de ecbôn*), ao passo que “aquilo” remete à característica de ser receptáculo do pensável (*dektikon tou noêton*). Para discussão do texto, ver Ross [1924], vol. II, p. 381, e Laks [2000], p. 235, n. 72.

1072b 24: “sua ciência”: a palavra grega é “*theôria*”, tradicionalmente traduzida por “contemplação”. Há controvérsias intermináveis sobre a natureza dessa “*theôria*” e do “*nous*” de 1072b 23: Aristóteles refere-se à Inteligência divina e sua atividade eterna, ou à inteligência humana?

1073a 11: “está provado que”: o texto é muito elíptico: não está explícito o que governa a conjunção “*hoti*” (que). Ross supõe que seja “*phaneron*” de 1073a 5. De minha parte, julgo que “*hoti*” depende de “*dedeiktai*” de 1073a 5.

Capítulo 8

1073a 32: “provou-se isso nas discussões sobre a natureza”: no mais das vezes, “discussões sobre a natureza” (“[*logoi*] *physikoi*”) é a expressão utilizada por Aristóteles para remeter à *Física*, mas isso nem sempre é assim. Aqui, a remissão parece envolver não apenas *Física* VIII 8-9, mas também *Do Céu* I 2 e II 3-8.

1073b 15-17: “se, aos que se empenharam nisso, aparecer algo em desacordo com o que agora foi dito, devemos ter apreço (*philein*) por ambos os lados, mas dar crédito a quem for mais exato”: há duas passagens que devem ser comparadas com esta. Em *Do Céu* II 5, a respeito da dificuldade em resolver certos problemas astronômicos, Aristóteles diz o seguinte: “poderia parecer sinal de muita simploriedade ou de muito afã tentar declarar algo a respeito de certos problemas, e tentar declarar a respeito de tudo e não deixar nada de lado. No entanto, não é justo exprobar semelhantemente a todos [*sc.* os que tentam declarar algo], mas, antes, é preciso considerar qual é a causa de assim se pronunciarem e, além disso, é preciso considerar como se dispõem em relação ao dar crédito – se de um modo humano, ou de um modo mais firme. E quando alguém encontrar necessitações mais precisas (*akribesteras anagkas*), é preciso ter gratidão aos que as encontraram; presentemente, no entanto, deve-se enunciar aquilo que parece ser o caso” (287b 28- 288a 2). Aristóteles parece reconhecer e louvar a possibilidade de progresso nas tentativas de explicação científica. “Aquilo que parece ser o caso” (*phainomenon*) parece ressoar na frase “se aparecer algo” (*an ti phainetai*) do texto de *Metafísica* XII. Neste contexto, não se trata de fenômenos colhidos como dados a serem explicados. Antes, trata-se de propostas de explicação dos dados observados. Não se trata de meras opiniões (como a tradução de Ross corre o risco de sugerir), mas de opiniões tidas como verdadeiras pelo confronto com os fatos até então observados. Por outro lado, em relação à última frase do trecho que comentamos, é propício compará-la com a célebre passagem da *Ética a Nicômaco* na qual Aristóteles introduz sua crítica à noção platônica de Bem como Forma: “Certamente, parece que o melhor – o que devemos fazer – é dissolver até mesmo laços de amizade, em favor da preservação da verdade, sobretudo se somos amigos da verdade [filósofos]: sendo amigos de ambos [*sc.* da verdade e dos platônicos], é

justo preferir a verdade”. (1096a 1-17). Para discussão da posição de Aristóteles e de suas reais contribuições à astronomia, ver Lloyd [2000], p. 256.

1073b 19-20: “a que se move pelo círculo no meio do zodíaco”: preferi manter o caráter conciso do texto de Aristóteles e elucidar em notas o sentido de suas expressões. Neste caso, trata-se da esfera cuja locomoção se dá pelo círculo que bissecta longitudinalmente o zodíaco, isto é, a assim chamada “eclíptica”. Neste contexto, o sentido de “no meio” é bem preciso: supondo-se que o zodíaco seja limitado por duas linhas paralelas, o círculo em questão (a eclíptica) é uma terceira linha, paralela às duas anteriores, e separada de cada uma delas por uma distância igual.

1073b 20-21: “a que se move pelo círculo que está inclinado na largura do zodíaco”: neste contexto, a expressão “largura do zodíaco” é equivalente a algo como “faixa do zodíaco”, isto é, um espaço largo, delimitado por duas linhas paralelas. O círculo em questão é inclinado em relação às linhas paralelas que delimitam essa faixa (essa “largura”) e, conseqüentemente, é inclinado em relação à eclíptica, mas de tal modo que ele não ultrapassa os limites dessa faixa. Em outras palavras, ele atravessa a faixa do zodíaco transversalmente, sem transpor seus limites.

1073b 29-30: “a locomoção da quarta se dá pelo círculo que se inclina para o equador desta última”: isto é, para o equador da terceira esfera. Segui Ross ao adotar o termo “equador”, mas é bom lembrar que essa noção não é expressa no texto de Aristóteles por nenhum termo específico, mas pela palavra “*meson*”, que quer dizer, apenas, *meio*, *centro*.

1074a 6-7: “as esferas em que eles se locomovem são, por um lado, oito, por outro, vinte e cinco”: Aristóteles adota, como base inicial, o sistema de Calipo: é por isso que ele diz, de um lado, *oito* esferas e, de outro, *vinte e cinco* – oito é a soma das quatro de Júpiter e das quatro de Saturno, em relação às quais Calipo não avançou nenhuma novidade em relação a Eudoxo; vinte e cinco, por sua vez, é o resultado da soma das

cinco esferas que Calipo (diferentemente de Eudoxo) atribuiu a cada um dos corpos restantes, a saber, Sol, Lua, Marte, Vênus e Mercúrio.

1074a 8: “o planeta que está situado na mais baixa posição”: a expressão de Aristóteles é muito concisa, “*to katôtatô tetagmenon*”, e não é claro se ela se refere à Lua ou a Mercúrio. A interpretação mais aceita entende tratar-se da Lua, mas isso gera algumas dificuldades. Ver nota a 1074a 12-14.

1074a 8-9: “serão seis as esferas que se contrapõem às esferas dos dois primeiros planetas”: neste contexto, a expressão “os dois primeiros planetas” refere-se a Júpiter e a Saturno: para cada um deles, Calipo atribui três esferas que se contrapõem, de modo que a soma delas resulta em seis.

1074a 12-14: “se não se acrescentar à lua e ao sol os movimentos que mencionamos, as esferas todas serão quarenta e sete”: essa passagem é difícil. Suponha-se que a frase “não é preciso que sofra contraposição apenas aquelas nas quais se move o planeta que está situado na mais baixa posição” (1074a 7-8) refira-se à Lua, de modo que o número de esferas atribuídas a cada planeta pudesse ser representado na seguinte tabela:

	Eudoxo	Calipo	Acréscimo das esferas que se contrapõem	Aristóteles
Lua	3	5		5
Sol	3	5	4	9
Júpiter	4	4	3	7
Saturno	4	4	3	7
Marte	4	5	4	9
Vênus	4	5	4	9
Mercúrio	4	5	4	9
TOTAL	26	33	22	55

Se for assim, como entender que o resultado da soma será 47, se não acrescentarmos “esferas contrapositivas” à Lua e ao Sol? Ora, em 1074a 7-8, já se teria determinado que não se deve acrescentar à Lua nenhuma esfera contrapositiva, de modo que, em relação à tabela acima, a única diferença seria o não-acrécimo das quatro esferas contrapositivas do Sol. No entanto, se assim fosse, o resultado da soma seria 51, não seria 47, tampouco seria 49, como sugeriu Sosígenes. Não vejo por que razão a Revised Oxford Translation adotou essa sugestão, em detrimento da tradução original de Ross, que adotou a lição “*hepta*” (que dá 47).

Esses problemas desaparecem se a frase em 1074a 7-8, relativa ao “planeta situado na mais baixa posição”, referir-se a Mercúrio, não à Lua. Neste caso, a soma original seria 55, e o número 47 seria obtido por subtração de oito esferas contrapositivas, conforme à hipótese suplementar introduzida na frase “se não se acrescentar à lua e ao sol os movimentos que mencionamos”. Esses resultados podem ser mais bem vistos na seguinte tabela:

	Eudoxo	Calipo	Acrécimo das esferas que se contrapõem		Aristóteles	
			1ª hipótese	2ª hipótese	1ª hipótese	2ª hipótese
Lua	3	5	4	-	9	5
Sol	3	5	4	-	9	5
Júpiter	4	4	3	3	7	7
Saturno	4	4	3	3	7	7
Marte	4	5	4	4	9	9
Vênus	4	5	4	4	9	9
Mercúrio	4	5	-	-	5	5
TOTAL	26	33	22	14	55	47

No entanto, é possível interpretar a frase de 1074a 12-14 de outro modo: os movimentos “que mencionamos” e que não deveriam ser acrescentados seriam: (i) os dois movimentos do Sol que Calipo acrescenta em relação a Eudoxo, (ii) os dois

movimentos da Lua que Calipo acrescenta em relação a Eudoxo, (iii) os quatro movimentos contrapositivos do Sol. É como se Aristóteles, no que concerne ao Sol e à Lua, voltasse à posição defendida por Eudoxo. Ver Lloyd [2000], p. 261. No entanto, não há evidência de que Aristóteles proponha esse retorno a Eudoxo. Para discussão detalhada, ver Ross [1924], vol. II, p. 393-4.

1074a 20, 23: “é preciso considerar como um acabamento etc.”: traduzo o termo *telos* por “acabamento”, por acreditar que isso faz menos injustiça à teleologia de Aristóteles. No entanto, é preciso notar que o presente argumento teleológico resulta de uma *equivocação* no sentido do termo “*telos*” – equivocação que muitos, de fato, atribuem à sua teleologia, mas que ele não comete no domínio da natureza sublunar. Em 1074a 20, *telos* é tomado no sentido de *acabamento*, isto é, no sentido de *completude intrínseca* de uma substância que subsiste em si mesma. Já em 1074a 23, o mesmo termo *telos* é tomado no sentido de *fim extrínseco* que delimita a meta de um movimento. Essa equivocação jamais foi feita por Aristóteles no domínio das formas da natureza sublunar. Aristóteles certamente reconhece que a forma de uma substância natural (de um animal qualquer, por exemplo) é um *telos* no sentido de completude intrínseca (por exemplo, *Física* 199a 31-32). Aristóteles também reconhece que essa forma é *telos* no sentido de fim e meta de um movimento (ver *Física* 198a 25-26, *As Partes dos Animais* 641a 27, *Metafísica* 1032a 22-23). No entanto, o movimento em questão não é movimento *de outra coisa*, antes, é o movimento da própria substância natural rumo ao pleno desenvolvimento de sua completude intrínseca. É por isso que sua forma é *natureza*, como *princípio interno* de movimento. Em 1074a 23, porém, Aristóteles pretende que uma substância supra-sensível (não-suscetível de movimento) seja *telos* de um movimento que não se dá nela mesma (pois ela não é suscetível de movimento), mas nos corpos celestes. Ainda que esse modelo de causalidade final tenha sido realmente admitido por Aristóteles como adequado em sua cosmologia celeste, ou em sua astronomia, é preciso ressaltar que não se trata de um modelo adequado à compreensão da teleologia que perpassa a noção aristotélica de natureza e de ente natural.

1074a 25-26: “se tudo que locomove se dá naturalmente em vista daquilo que é locomovido”: essa frase é absolutamente surpreendente e sua presença no texto deveria lançar no intérprete suspeitas quanto à autenticidade deste capítulo 8 (ou ao menos deste trecho). De acordo com a doutrina aristotélica, o que locomove (o motor, a causa eficiente) é anterior ao que é movido, sobretudo no domínio dos “motores não-suscetíveis de movimento”: esses motores seriam *aquilo em vista de que* (ou *aquilo graças a que*) se movem as coisas locomovidas. Por conseguinte, a doutrina aristotélica é o contrário do que se afirma na frase que comentamos: é o locomovido que se locomove *em vista* daquilo que o locomove.

1074a 30-31: “o acabamento de toda locomoção há de ser um dos corpos divinos que se locomovem pelo céu”: eis outro sinal de inconsistência na doutrina, o qual lança sérias dúvidas sobre a autenticidade do capítulo 8. De acordo com o que fora estabelecido em 1072b 1-4, o acabamento ou fim de toda locomoção celeste deveria ser um motor não-suscetível de movimento, que promoveria o movimento na medida em que é amado. Aquilo em vista de que se locomove um corpo celeste seria justamente seu respectivo “motor imóvel” (imaterial, supra-sensível, etc.). Assim, faria sentido dizer que esse motor imóvel, como *substância separada*, seria o *telos* do corpo celeste e de sua locomoção própria, como Aristóteles realmente diz em 1074a 23. O presente texto, no entanto, reconhece como *telos* da locomoção o próprio corpo celeste. Lloyd [2000], p. 265, sugere resolver essa dificuldade considerando que o corpo celeste é *telos* de sua locomoção apenas no primeiro sentido distinguido em 1072b 2-3, isto é, como beneficiário para o qual (*tin*) resulta um bem, mas não como bem (*tin*) que preside e determina o movimento. De fato, em 1074a 27-8, afirma-se que as locomoções são “em vista dos astros”, e se poderia entender que os astros são os beneficiários, mas não o fim no sentido de completude e acabamento. Lloyd supõe que a distinção entre usos de “*hou heneka*” possa ser aplicada indiferentemente ao termo “*telos*”. Essa suposição não me parece poder ser aceita sem argumentação, ainda que a equivalência entre *telos* e *hou heneka* esteja bem estabelecida na doutrina de Aristóteles. Além disso, a suposição de Lloyd teria de explicar a mudança de uso do mesmo termo *telos* no mesmo contexto argumentativo: em 1074a 23, “*telos ... phoras*”

seria a substância não-suscetível de movimento, como fim (*telos*) do movimento; já em 1074a 30, “*telos ... phoras*” são os corpos celestes, como beneficiários do movimento (*timi*).

1074a 38: “o céu é um só”: ver *De Caelo* I 9, 277b 29-278b 9.

Capítulo 9

1075a 1: “o conhecimento é seu objeto”: cf. *De Anima* 430a 2, 19.

1075a 1-2: “a essência e ‘aquilo que o ser é’ são sem matéria”: cf. *Metafísica* VII 7, 1032b 13-14, *As Partes dos Animais* I, 640a 31-32.

1075a 9: “sendo um outro”: Aristóteles quer dizer que o pensamento (supostamente o pensamento humano), ao transcorrer de um instante para outro, é sempre *um outro* – assim como o *agora* é sempre um outro –, mas não alcança sua excelência própria em qualquer instante; para ter sua excelência própria, precisa ser tomado em um certo todo. Ross parece entender de outro modo: “but its best, being something *different* from it”. Ele entende que o pensamento humano é diverso de seu objeto, por oposição à “atividade de pensar o pensar”. Brunschwig [2000], p. 300, entende que é o “*ariston*” que, por requerer tempo, é diverso (*allo*) do “bem” (“*en*”), que pode dar-se em um instante. Do mesmo modo, Kosman [2000], p. 326.

Capítulo 10

1075b 4-6: “ainda que ocorra a uma mesma coisa ser princípio a título de matéria e a título de motor, o ser não é o mesmo”: qual *ser* não é o mesmo? Não se trata do ser essencial da coisa, que é a mesma, embora receba, sob correlações distintas, os títulos de matéria e de motor. Trata-se do *ser* pelo qual descrevemos a coisa *enquanto causa*. Isso equivale a dizer que a *ratio sub qua* algo é considerado como motor não é idêntica à *ratio sub qua* essa mesma coisa é considerada como matéria. Para relações entre as causas material e motora (ou eficiente), ver *Geração dos Animais* I 1, 715a 1-14. Que a

matéria de x é, de certo modo, causa eficiente de certos movimentos de x ; é algo que se depreende da definição de natureza e do reconhecimento de que a matéria satisfaz a definição de natureza: ver *Física* II 1, 193a 28-31, II 2, 194a 12-13. Ver também a discussão contra os “antigos estudiosos da natureza” em *As Partes dos Animais* 640b 4 ss. Discuti o assunto em Angioni [1999], p. 48-9, 81-82.

1075b 9: “de modo que é outra coisa que é princípio”: o texto é muito elíptico e diz apenas “de modo que outra coisa” (“*hōste heteron*”), ficando subentendido o predicado. Ross supõe que a oração consecutiva deva ser entendida como se dissesse que aquilo em vista de que a Inteligência move é outra coisa, distinta da Inteligência. Isso é plausível. Já Sedley [2000], p. 336, 340, julga que a oração consecutiva concluiria que a Inteligência é distinta do Bem, porque ela move em vista de algo. Isso é menos plausível. Creio que Aristóteles precisa admitir o argumento indicado por Ross, mas já salta para a consequência ulterior: essa outra coisa, distinta da Inteligência, é que seria princípio *em vista de que*, não a Inteligência.

1075b 12: “a não ser que os corrijamos”: trata-se do verbo *rhythmiζó*, o qual quer dizer, neste contexto, aprimorar, melhorar, dar melhor ordenação, de modo a corrigir. Ross traduz assim: “unless we bring their views into shape”.

1075b 34: “por meio de que os números seriam unos”: cf. *Metafísica* VIII, 1043b 32-1044a 11, 1045a 7-8.

1075b 38- 1076a 1: “realidade [...] a essência do Todo”: ambos os termos, “realidade” e “essência”, traduzem “*ousia*”. Na primeira ocorrência, trata-se de uma “ordem de coisas”, isto é, um conjunto ordenado de entidades auto-subsistentes. Ross traduz, acertadamente, por “kind of substance”. Por outro lado, salvo raras exceções, julgo que a ocorrência de “*ousia*” com complemento genitivo é mais bem traduzida por “essência”.

BIBLIOGRAFIA**1. Edições críticas e traduções**

BEKKER, E. (1961). *Aristotelis Opera*. Editio altera Olof Gigon. Berlin: Walter De Gruyter.

CHRIST, W. (1906). *Aristotelis Metaphysica*. Leipzig: Teubner.

JAEGER, W. (1957). *Metaphysica*. Oxford: Clarendon Press.

ROSS, D. (1924). *Aristotle's Metaphysics*. A revised text with introduction and commentary. Oxford: Clarendon Press. 2v.

ROSS, D. (1984). *Metaphysics*. In: Barnes, J. (ed.) *The Complete Works of Aristotle*. Princeton: Princeton University Press. (Oxford Revised Translation)

YEBRA, V.G. (1982). *Metafísica de Aristóteles*. Madrid: Gredos. 2ª ed., ed. trilingüe.

2. Bibliografia secundária**D)**

FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.). [2000]. *Aristotle's Metaphysics Lambda*. Oxford: Oxford University Press.

Trata-se de edição das comunicações do Xº *Symposium Aristotelicum*, dedicado ao livro XII da *Metafísica* de Aristóteles, contendo as seguintes contribuições:

BERTI, E. [2000]. "Metaphysics Lambda 6". In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 181-205.

BRUNSCHWIG, J. [2000]. "Metaphysics Lambda 9: A short-lived thought-experiment?". In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 275-306.

CHARLES, D. [2000]. "Metaphysics Lambda 2". In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 81-110.

- CODE, A. [2000]. “Metaphysics Lambda 5”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 161-179.
- CRUBELLIER, M. [2000]. “Metaphysics Lambda 4”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 137-160.
- FREDE, M. [2000a]. “Introduction”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 1-52.
- FREDE, M. [2000b]. “Metaphysics Lambda 1”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 53-80.
- JUDSON, L. [2000]. “Metaphysics Lambda 3”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 111-135.
- KOSMAN, A. [2000]. “Metaphysics Lambda 9: Divine Thought”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 307-326.
- LAKS, A. [2000]. “Metaphysics Lambda 7”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 207-243.
- LLOYD, G. E. R. [2000]. “Metaphysics Lambda 8”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 245-273.
- SEDLEY, D. [2000]. “Metaphysics Lambda 10”. In: FREDE, M., & CHARLES, D. (eds.), p. 327-350.

II. Outros títulos citados nas notas

- ANGIONI, L. [2006]. *Introdução à Teoria da Predicação em Aristóteles*. Campinas: Editora da Unicamp.
- ANGIONI, L. [2000]. *A noção aristotélica de ousia*. Campinas: IFCH/Unicamp. Tese de doutorado.
- ANGIONI, L. [1999]. *As Partes dos Animais - livro I*, Campinas: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, vol. 9, nº. especial.

KULLMANN, W. [1985]. "Different Conceptions of the Final Cause in Aristotle".
In: Gotthelf, A. (ed.) *Aristotle on Nature and Living Things*. Pittsburgh/ Bristol:
Mathesis Publications, pp. 169-175.